Voluntariado e Saúde

Volunteering and Health

Anelise Crippa[1], Tábata Isidoro[2], Anamaria Gonçalves dos Santos Feijó[3]

RESUMO

Os benefícios trazidos pelo voluntariado à área da saúde são conhecidos, aceitos e implantados em várias instituições. Esta atividade proporciona benefícios tanto aos pacientes quanto aos próprios voluntários, deve ser sempre supervisionada e exige treinamento prévio dos voluntários.

UNITERMOS: Voluntários, Beneficência, Bioética.

ABSTRACT

The benefits of volunteering to healthcare are known, accepted and implemented in several institutions. This activity provides benefits to both patients and volunteers themselves, should always be supervised, and requires previous training of volunteers.

KEYWORDS: *Volunteers, Beneficence, Bioethics.*

INTRODUÇÃO

O trabalho voluntário é uma atividade de livre iniciativa de pessoas em tentar proporcionar para terceiros desconhecidos algum bem-estar, dedicando seu tempo sem remuneração, em prol do benefício dos indivíduos e da sociedade. A Organização das Nações Unidas (ONU) salienta o voluntariado e considera a realização de atividades voluntárias na comunidade como uma proposta para o envelhecimento ativo (1).

Dentro do ambiente hospitalar, o suporte social desencadeado pela atividade de voluntariado mostra-se de forma benéfica tanto na perspectiva fisiológica, quanto psicológica comprovado nos enfermos. Por outro lado, também se pode falar no benefício que este trabalho ocasiona nos próprios voluntários, com a satisfação de realizar um momento de lazer e possibilitar, de alguma forma, um bem-estar para quem precisa (2). Não é só de livre iniciativa e vontade que se deve falar ao abordar o tema voluntariado. Ser um voluntário exige responsabilidades, pois as pessoas que se beneficiam desta prática esperam que ela ocorra com periodicidade. A conscientização do compromisso que deve ser assumido com esta atividade torna-se, então, uma das bases do voluntariado.

O voluntariado exige, também, uma capacitação das pessoas interessadas em exercê-lo. Neste treinamento, a pessoa assume suas limitações e recebe uma orientação adequada antes de iniciar sua atividade (3).

BIOÉTICA E VOLUNTARIADO

Em 2005, a UNESCO promulgou a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos. Este documento, já em seu preâmbulo, reconhece que "a saúde não depende apenas dos progressos da investigação científica e tecnológica, mas também de fatores psicossociais e culturais" (4). Este conceito amplo de saúde também é preconizado pela

[1] Advogada. Mestre em Gerontologia Biomédica. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Gerontologia Biomédica no Instituto de Geriatria e Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (IGG/PUCRS). Pesquisadora do Laboratório de Bioética e de Ética Aplicada a Animais – Instituto de Bioética/PUCRS.

[2] Acadêmica de Odontologia pela PUCRS. Bolsista de iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) do Laboratório de Bioética e de Ética Aplicada a Animais – Instituto de Bioética/PUCRS.

[3] Bióloga. Doutora em Filosofia. Coordenadora do Laboratório de Bioética e de Ética Aplicada a Animais – Instituto de Bioética/PUCRS.

OMS, que a define como sendo o estado de completo bem-estar físico, mental e social (5).

As ações voluntárias na área da saúde, realizadas por pessoas que não buscam retorno financeiro, mas que são levadas pelo sentimento de respeito e amor ao outro tentando ajudar este outro na sua melhora ou adesão ao tratamento, assim como na minimização de seu sofrimento, vêm ao encontro do que é disposto nesses dois documentos internacionais citados.

Na Bioética, mais especificamente na corrente principialista, proposta por Beauchamp e Childress em 1979, o bem da outra pessoa já era enfatizado no princípio da Beneficência. Os autores entendiam-na como "a obrigação moral de agir em benefício de outros", ou seja, ajudar as outras pessoas a atingir seus interesses legítimos e importantes (6). Na realidade, este conceito já é encontrado na obra de Aristóteles, *Ética a Nicômaco*. O estagirita salienta que "Não pesquisamos para saber o que é a virtude, mas para sermos bons" (7). Muitos autores importantes da filosofia da moral entendem a beneficência como uma manifestação da benevolência (8).

Filósofos britânicos, como Hume e Bentham, entre outros, trabalharam a ideia de benevolência. Hume a entendia como uma disposição do próprio ser humano em buscar os interesses dos homens e a felicidade da sociedade sendo uma virtude que todos os homens normais possuem e que leva a um agir correto (9).

A solidariedade vem sendo muito discutida e incentivada dentro da área da saúde e também pela Bioética. A Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos da UNESCO, documento já citado, salienta, em seu artigo 13, este incentivo à solidariedade mostrando a preocupação internacional do ser humano para com o outro, caracterizando, assim, os direitos de terceira geração (4).

Esta solidariedade, embora possa ser difícil de ser vivenciada no mundo desigual como o que encontramos hodiernamente (10), pode ser considerada como a mola mestra que impulsiona os voluntários a buscar o outro ser humano com o intuito de ajudá-lo.

Jiménez entende que uma pessoa, para ser solidária, necessita apoiar-se em três bases: 1) a união de pessoas que buscam outras em estado de fragilidade; 2) a atitude combativa que permite ao voluntário vencer suas próprias dificuldades para ajudar o outro; 3) o respeito que leva à consciência das necessidades de quem se está ajudando (11).

Kipper e Clotet, resgatando Epicuro, filósofo da moral do século IV e III a.C., escrevem uma passagem que pode ser aplicada a todos aqueles que trabalham como voluntários na área da saúde:

> *(...) os profissionais que utilizam a palavra como arte e instrumento de terapia e, de forma ampla, a toda pessoa medianamente educada cuja palavra, no seu relacionamento com pessoas afetadas por um problema psíquico ou somático, deveria minimamente aliviar ou suavizar os transtornos que facilmente traumatizam ou desequilibram no dia-a-dia(8).*

É inegável que as ações voluntárias são importantes para os pacientes e que os hospitais cada vez mais as incentivam. Muitas pesquisas nacionais e internacionais foram feitas com a intenção de conhecer esta realidade do voluntariado na área da saúde.

TRABALHO VOLUNTÁRIO RELACIONADO COM A SAÚDE

O que incentiva os voluntários à realização de suas atividades é algo instigante. A motivação que leva pessoas desconhecidas a ter um comprometimento e buscar a melhora de outrem, sem nenhuma contrapartida financeira, merece abordagem. Um voluntariado deve visar à solidariedade humana, estimulando as relações éticas coletivas (12). É preciso que haja uma consciência social sobre o trabalho do voluntariado para que ele ocorra de maneira mais persistente e contínua. Bocchi *et al* vão além e chegam a propor que o voluntário não deve ter sobrecargas emocionais, evitando lidar com pessoas que apresentam determinadas doenças(2).

Atividades voluntárias ocorrem com frequência em pessoas diagnosticadas com câncer, em vários estágios da doença, desde o diagnóstico, tratamento e momento posterior. Nesta seara, este tipo de atividade, de forma complementar, se mostra positiva e engrandecedora. O voluntariado, atrelado aos cuidados que concerne ao câncer, deve versar sobre as questões psicológicas, sociais e de reabilitação (13). Em muitos dos casos, as pessoas que participam desta atividade já vivenciaram situações análogas em sua família e, por isso, podem dar depoimentos e tornar-se incentivadoras da busca por tratamento (14).

Encontra-se também a inserção do trabalho voluntário quando a pessoa enferma necessita de cuidados paliativos. É importante que, neste caso específico, haja uma seleção adequada e criteriosa dos voluntários (15). Esse trabalho deve ser feito de forma complementar e engloba também o suporte familiar.

Ao lidar com problemas emocionais e doenças graves, não se pode esquecer do *burnout*, que ocorre em determinadas atividades com os voluntários. A Síndrome do *Burnout* refere-se ao momento de esgotamento total em que o indivíduo sente ao frustrar-se com o seu trabalho. Ela é, portanto, a reação ao estresse crônico, decorrente de uma atividade (16). Esta síndrome começou a ser estudada em 1970, tendo sua primeira descrição científica em 1974, pelo psicanalista norte-americano Herbert Freudenberger (17). Hoje, já há uma escala para auferirmos se a pessoa está ou não com sintomas que podem desencadear o *burnout*, denominada Escala de Maslach *(Maslach Burnout Inventory*) (18). O conceito da psicóloga Christina Maslach é o mais usual, considerando o *burnout* como uma "síndrome psicológica em reação a estressores interpessoais crônicos no trabalho" (16).

É preciso estar atento ao trabalho e à sobrecarga dos voluntários para que não se ultrapasse a busca pelo bem-

-estar e cause danos a si e ao paciente. Para quem realiza uma ação voluntária, faz-se necessário observar sintomas de estresse decorrentes deste encargo. Por isso, é importante que essas pessoas recebam um suporte psicológico a fim de enfrentar problemas e exercer plena e adequadamente sua atividade (19).

Outro exemplo de voluntariado que pode acarretar uma sobrecarga emocional, *burnout*, é o que atende a pessoas com desejo de suicídio. No Brasil, quem oferece esta ajuda são os centros de valorização da vida, instituições não governamentais, reconhecidas pelo Ministério da Saúde para prevenção de suicídio. Buscando traçar o perfil das pessoas que atendem em um desses centros, Dockhorn e Werlang realizaram uma pesquisa utilizando uma escala de Fatores de Extroversão, Socialização e Neuroticismo. Ao todo, integraram a pesquisa 100 voluntários. Foi constatado que as pessoas participantes eram bem instruídas e de bom nível financeiro. Nos quesitos psicológicos, os voluntários se mostraram sensíveis e com capacidade de comunicação e adaptação. No que tange ao neuroticismo, mostraram-se independentes e com tendência ao estresse sem instabilidade emocional (20).

Em relação ao perfil sociodemográfico dos voluntários, Ribeiro *et al* realizaram um estudo com 155 idosos em Juiz de Fora/MG. Constataram que as mulheres estão mais envolvidas nas atividades de voluntariado e que há relação entre a maior realização destas atividades ocupacionais e uma maior escolaridade, renda familiar e capacidade funcional (21).

Não só de estresse e dedicação está composto o trabalho voluntário. Quem costuma participar dessas atividades relata grande satisfação pessoal, se beneficiando com ele. Com vistas a auferir essa satisfação, González, Merino, Mendo e Sánchez (22) validaram uma escala destinada a medir a satisfação dos voluntários. Concluíram em sua pesquisa que é importante que haja um projeto sólido e planejado para, então, implantar um trabalho voluntário eficaz e transformador. Na busca por evidências da satisfação do voluntário, também se encontra o trabalho de Montesinos *et al*, realizado com 80 voluntários. Esta investigação apontou como maior item incentivador a ação voluntária, a possibilidade de ajudar as outras pessoas (62%), seguido do fato de ser este uma oportunidade de engrandecimento pessoal (50%). Os respondentes deste trabalho relataram sentimento de valorização tanto pela própria Associação, quanto pelos pacientes, familiares e equipe de saúde (23). Verifica-se, com isso, uma das benesses deste tipo de trabalho, o qual permite a autossatisfação dos voluntários e, concomitantemente, o bem-estar emocional dos enfermos. Os envolvidos nesta tarefa sentem-se úteis e integrantes de um grupo, podendo interagir e auxiliar outras pessoas. Também há a satisfação própria e a busca por se manter ativo ao utilizar suas experiências em benefício de outros. Esse mesmo sentimento se detecta no trabalho realizado por Azevedo e Santos. Os autores descrevem as atividades lúdicas que ocorreram na ala pediátrica em um hospital universitário. Dentre elas, houve atividades utilizando roupas de palhaço, com brinquedos, material artístico e musical. O objetivo dessas atividades era proporcionar bem-estar às crianças enfermas. Essas atividades propiciaram grande satisfação também aos voluntários, promovendo, assim, a saúde de todos os envolvidos (24).

Aspectos negativos também são relatados, embora com menos frequência. Dentre eles, pode-se apontar a falta de valorização pelo trabalho realizado, o tédio, os horários pouco flexíveis e as limitações das atividades (25).

Um dos enfoques dados para o trabalho voluntário é a busca pela humanização na área hospitalar. Essa busca deve ocorrer desde a formação universitária, para que seja efetiva. Uma das sugestões educacionais é a inserção do tema através do cinema, conforme salienta Blasco (26).

Além da área médica, dentro da área da saúde, a odontologia também é visada na busca pela humanização. Com as exigências atuais do mercado de trabalho, torna-se fundamental a experiência dos alunos com o voluntariado, proporcionando um aprendizado sociocultural. Com isso, os alunos terão uma formação mais humanizada, e os pacientes carentes de atendimento poderão ser tratados (27).

Recentemente, foi desenvolvida uma pesquisa por Ortona e Fortes para identificar o conceito que os jornalistas que escrevem sobre saúde têm de humanização. Esse trabalho se mostra importante, pois os jornalistas devem retratar a realidade e buscar retratar os fatos com veracidade. Eles relacionaram esse tema, dentre outros assuntos, ao voluntariado. É importante, de acordo com os autores, que se considere uma capacitação dos jornalistas, uma vez que são eles que levam informação à população, para que suas notícias sejam mais claras e objetivas (28). Neste mesmo sentido, buscar uma maior humanização hospitalar, Nogueira-Martins, Berusa e Siqueira analisaram o perfil dos voluntários e o seu processo de trabalho em humanização hospitalar em 25 hospitais da Região Metropolitana paulista. Participaram da pesquisa 26 coordenadores e 26 voluntários. Foram abordados temas como a forma de organização do trabalho voluntário, o vínculo voluntariado-instituição, a motivação, beneficiários, a humanização e atividades desempenhadas. Os autores concluíram, com o estudo, que há tanto aspectos positivos, como a contribuição da humanização hospitalar, como negativos, ao desempenharem funções de funcionários da instituição. Ressaltaram a importância do voluntário se ater às funções específicas do voluntariado, bem como de sua integração com a equipe em que atua. A valorização desta atividade também foi enfatizada (29).

Um estudo realizado por Nuñez *et al* com gestantes em quatro cidades do México mostrou que existe uma relação entre o melhor desempenho na realização da atividade e a infraestrutura oferecida. A vinculação da equipe foi melhor nos locais em que havia maiores recursos disponíveis. Concluíram que é importante que haja ações participativas nas áreas com alto índice de mortalidade materna (30).

Nos estabelecimentos de saúde, a participação dos voluntários tem seu maior reconhecimento em atividades sociais, seguidas de apoio emocional e material. Sua participação, de acordo com um estudo realizado em que

os profissionais da saúde respondiam sobre a visão deles sobre os voluntários, ocorre com maior frequência em ambulatórios (31). Com isso, ressalta-se a importância de que haja a capacitação dos voluntários, para não prejudicar o atendimento hospitalar. A atividade do voluntário, independentemente do tipo de instituição em que irá ocorrer a atividade, deve ser precedida por organização e planejamento. Quando abordamos esta prática nas instituições hospitalares, deve-se enfatizar a importância de normas para que não ocorra interferência na rotina hospitalar. Neste sentido, o Comitê de Humanização Hospitalar da Santa Casa de São Paulo, em 2007, criou suas normas incluindo critérios de subordinação e de admissão das atividades voluntárias, bem como suas atribuições (32).

Em relação aos idosos, o trabalho voluntariado, como dito anteriormente, é uma forma de estímulo para atingir um envelhecimento ativo. Ao realizar esta atividade, o voluntário atinge menores sintomas de estresse, sendo, portanto, uma forma de promoção da saúde (33). Nessa direção, pode-se ver o voluntariado como uma alternativa saudável para os aposentados. A preparação para aposentadoria nem sempre acontece, utilizando o voluntariado para se sentir reconhecido na sociedade. É importante que ocorra um preparo para esta nova fase da vida (34).

COMENTÁRIOS FINAIS

O voluntariado tem seu espaço garantido na área da saúde, respeitado, incentivado e até exigido pela Bioética.

Emmanuel Levinás, filósofo francês, propôs sua ética da alteridade entendendo-a como aquela que

> *(...) consiste em se abrir para o* outro *em especial para que o outro me apresenta de diferente, de desigual, que merece ser respeitado exatamente como se encontra, sem indiferença, descaso, repulsa ou exclusão pelas suas particularidades (35).*

Nesta ética da alteridade, em que Levinás entende ética como um ordenamento que vem para o homem a partir do seu encontro com o outro, vislumbramos a atividade do voluntário.

É inquestionável que tanto a pessoa que atua como voluntário como aquela que recebe a atenção deste se beneficiam com a troca, independentemente da faixa etária ou da patologia existente. É importante, entretanto, que estas atividades sigam um protocolo institucional para determinar as ações da equipe voluntária, esperadas pelos profissionais da saúde, evitando conflitos desnecessários, que só viriam a prejudicar os envolvidos na ação.

REFERÊNCIAS

1. Organização das Nações Unidas. Plano de ação Internacional para o Envelhecimento. Disponível em: http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_manual/5.pdf. Acesso em: 17 set 2014.
2. Bocchi SCM, Andrade J, Juliani CMCM, Berto SJP, Spiri WC. Experiência do voluntário junto ao idoso dependente. Esc Anna Nery . 2010; 14(4):757-764.
3. Wessels B. Organizing capacity of societies and modernity. In Deth JWV. Private groups and public life: social participation, voluntary association and political involvement in representative democracies. New York: Routledge; 1997, 201-223.
4. Organização das Nações Unidas. Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos. 2005. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001461/146180por.pdf. Acesso em: 17 set 2014.
5. World Health Organization. Constitution of the World Health Organization. Basic Documents. 1946. Disponível em: http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html. Acesso em: 17 set 2014.
6. Beauchamp TL, Childress JF. Princípios de ética biomédica. São Paulo: Editora Loyola; 2002.
7. Aristóteles. Ética a Nicômacos. Brasília: Editora Universidade de Brasília; 1992.
8. Kipper DJ, Clotet J. Princípios da Beneficência e Não-Maleficência. In Costa SIF, Oselka S, Garrafa V. Iniciação à bioética. Brasília: Conselho Federal de Medicina; 1998, 37-51.
9. Hume D. Enquiries: an enquity concerning the principles of morals. Oxford: Clarendon Press; 1989.
10. Gordillo S. Solidariedade e cooperação. In Casado M. Sobre a dignidade e os princípios: análise da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos da UNESCO. Porto Alegre: EdiPUCRS; 2013, 417-423.
11. Jiménez CAR. La solidaridad como un valor bioético. Pers Bioet. 2011;15(1):10-25.
12. Selli L, Garrafa V, Meneghel SN. Bioética, solidariedade, voluntariado e saúde coletiva: notas para discussão. Rev Bioética. 2005;13(1):53-64.
13. Márquez BM, Gil JR, Heredia JAG, Flores SL, Toro LB. Desarrollo de un plan de voluntariado en cuidados paliativos. Med Paliat. 2008;15(2):82-88.
14. Yélamos C, Montesinos F, Egino A, Fernández B, González A, Paredes AG. "Mucho X Vivir". Atención psicosocial para mujeres con cáncer de mama. Psicooncología. 2007;4(2-3):417-422.
15. Oermsnn MC, Gomez MVN, Negre ME, Oliver EB. 2011 año Europeu del Voluntariado: el voluntariado em cuidados paliativos. Med. Paliat. 2011;18(3):85-86.
16. Maslach C, Schaufeli WB, Leiter MP. Job burnout. Ann Rev Psychol. 2001;52:397-422.
17. Vieira I. Conceito(s) de burnout: questões atuais da pesquisa e a contribuição da clínica. Rev Bras Saúde Ocup. 2010;35(122):269-276.
18. Maslach C, Jackson SE, Leiter MP. Maslach burnout inventory manual. 3ª ed. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press; 1996.
19. Moniz ALF, Araújo TCCF. Trabalho voluntário em saúde: auto-percepção, estresse e burnout. Interação em Psicologia. 2006;10(2):235-243.
20. Dockhorn CNBF, Werlang BSG. Voluntários do CVV: características sociodemográficas e psicológicas. Arq Bras Psicol. 2009;61(1):162-175.
21. Ribeiro PC, Neri AL, Cupertino APFB, Yassuda MS. Variabilidade no envelhecimento ativo segundo gênero, idade e saúde. Psicol Estud. 2009;14(3): 501-509.
22. González RG, Merino EC, Mendo AH, Sánchez VM. Evolución de la Calidad Percebida en Programas de Voluntariado Deportivo: un Estudio Piloto. Cuadernos de Psicologia del Deporte. 2011;11(2):163-170.
23. Montesinos F, Martínez A, Fernández B. Formación y satisfación del voluntariado de cuidados paliativos. Psicooncología. 2008;5(2-3):401-408.
24. Azevedo DM, Santos JJS. Relato de experiência de atividades lúdicas em uma unidade pediátrica. Nursing. 2004;7(78):29-33.
25. Castro MC, Buscemi V. Beneficios, desventajas y barreras para ser voluntário: percepción de los voluntários oncológicos. Apunt Psicol. 2011;29(1):59-70.
26. Blasco PG. É possível humanizar a medicina? Reflexão a propósito do uso do cinema na educação médica. O Mundo da Saúde. 2010;34(3):357-367.

27. Pereira SM, Mialhe FL, Pereira LJ, Soares MF, Tagliaferro EPS, Meneghim MC, Pereira AC. Extensão universitária e trabalho voluntário na formação do acadêmico em odontologia. Arq Odontol. 2011;47(2):95-103.
28. Ortona C, Fortes PAC. Jornalistas que Escrevem sobre Saúde Conhecem a Humanização do Atendimento? Saúde Soc. 2012;21(4):909-915.
29. Nogueira-Martins MCF, Berusa AAS, Siqueira SR. Humanização e voluntariado: estudo qualitativo em hospitais públicos. Rev Saúde Pública. 2010;44(5):942-949.
30. Núñez EO, Block MAG, Escobar LMK, Prado BH. Participación social en salud: la experiencia del programa de salud materna Arranque Parejo em la Vida. Salud Pública Méx. 2009;51(2):104-113.
31. Moniz ALF, Araújo TCCF. Voluntariado hospitalar: um estudo sobre a percepção dos profissionais de saúde. Estudos de Psicologia. 2008;13(2):149-156.
32. Comitê de Humanização Hospitalar da Santa Casa de São Paulo. Norma interna das atividades de voluntariado da Santa Casa de São Paulo. Rev Adm Saúde. 2007;9(35):63-66.
33. Souza LM, Lautert L. Trabalho voluntário: uma alternativa para a promoção da saúde de idosos. Rev Esc Enferm. 2008;42(2):371-376.
34. Rodríguez TM, Rodríguez PR, Pérez BD, Villarino CT, Sánchez MJE. Prejubilación activa: demandas, necesidades e intereses de lãs personas prejubiladas de La minería asturiana. Rev Esp Geriatr Gerontol. 2006;41(1):29-38.
35. Vrac M. Emmanuel Levinás, o outro e a alteridade. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13482/13482_4.PDF. Acesso em: 17 set 2014.

✉ Endereço para correspondência
Instituto Bioética
Av. Ipiranga, 6681/prédio 50/703
90.619-900 – Porto Alegre, RS – Brasil
☎ (51) 3320-3679
institutobioetica@pucrs.br

Recebido: 19/9/2014 – Aprovado: 22/9/2014